

# CIENCIA & CULTURA

## O negro, novamente em questão

Volta a acontecer no Recife o congresso que, há 60 anos, escandalizou a Cidade

Sessenta anos depois do 1º Congresso Afro-Brasileiro (CAB), realizado no salão nobre do Teatro de Santa Izabel, sob a coordenação de Gilberto Freyre, a Fundação de Apoio ao Negro promove o 2º CAB, de 17 a 20 de abril.

Do primeiro CAB, resultaram artigos, que foram apresentados durante o evento, sob a forma de comunicações. Estes artigos foram editados em dois volumes com os títulos de *Estudos Afro-Brasileiros* e *Novos Estudos Afro-Brasileiros*. De todos os autores dos artigos, apenas um se encontra vivo e nasceu e reside no Recife, o pesquisador José Antônio Gonçalves de Melo.

José Antônio participou dos *Novos Estudos Afro-Brasileiros* (editado pela Civilização Brasileira em 1937 e reeditado pela Massaranga) com um artigo sobre o negro durante o domínio holandês em Pernambuco. Estudo superficial que foi aprofundado em 1957/58, quando o autor viajou a Holanda e foi colher nas fontes dos arquivos de Utrecht e das Índias Ocidentais, sobônidos para um trabalho mais completo sobre a época dos holandeses no norte do Brasil, que resultaram no livro *Tempo dos Flamengos*. Naquela época, em 1934, era estudante de Direito e trabalhava como repórter nos jornais do Recife. Então, participou ativamente do 1º CAB, como jornalista e comunicador de uma pesquisa que aprofundou mais tarde", conta José Antônio, que hoje faz parte do

Em 1934, o congresso reuniu cientistas, artistas, pais e mães-de-santo, quando os cultos afro eram proibidos pelo Governo

berto. Foi sua a iniciativa do CAB, com a grande contribuição de Ulisses Pernambucano e a colaboração e participação de gente como Arthur Ramos, Di Cavalcanti, Cícero Dias e Pai Anselmo. Uma mistura de pessoas de várias áreas, reunidas para um Congresso Afro-Brasileiro, que foi financiado por essas mesmas pessoas. Para isso, foram produzidas lembranças do CAB, para venda, numa forma de contribuição para ajudar na realização do congresso.

Andávamos pelo Congresso vestidos a caráter, com gravatas de motivos afros, dentro do espírito do evento, entre outras ideias originais e extravagantes para a época. Participaram pais e mães de santo de todos os xangôs de Pernambuco, menos Pai Adão, que não quis se misturar com os pais de santo daquele, na África. Pai Adão era um negro que se vestia de linho, feito um usineiro, numa elegância masculina de se admirar. Ele tinha um terceiro na Estrada Velha de Água Fria, o Gameleira, protegido pelo orixá Irôkô, do culto nagô-jeje.

DP — A ideologia dentro do CAB não chegou a atrapalhar o evento?

JA — Congresso Afro não é para debater consciência negra. Nós fomos, desde o início, no 1º CAB, contrários a política num evento deste porte, que é para discutir problemas dos cultos afro-brasileiros, origem do CAB. Houve em 1934 um mulato, do Rio Grande do Sul, de nome Miguel Barros, que chamávamos de Barros, o mulato. Ele era representante da Frente Negra Petrolense, e fazia um discurso pela consciência negra, o que não era o objetivo do congresso. Ele teve a participação dele, contribuiu para os Estudos Afro-Brasileiros com um artigo. Mas num congresso deste tipo, apesar de afro, tratar do negro, é para reunir diver-

tas etnias. É aberto a todos. DP — Quantos anos o senhor tinha, quando participou do CAB?

JA — Eu tinha de 17 para 18 anos.

DP — Novo assim e já participando de um grande evento?

JA — É. O meu pai, Ulisses Pernambucano, gostava que os filhos, eu, mais velho, e Jarbas, na época do CAB com 16 anos, trabalhassemos. Ele não deixava a gente solto como esses jovens de hoje em dia. Ele nos mandava para os terreiros, fazer pesquisas. Então, eu fui muito cedo tomando contato com o xangô. E preciso ir para ver o ritual, as danças em roda dos filhos de santo, que eu comecei a ver muito novo, na década de 30 deste século, mas que estranheiros no século XVII já tinham registrado em pinturas. Como o alemão Zacharias

“Andávamos vestidos a caráter, com gravatas de motivos afros, dentro do espírito do evento, entre outras ideias extravagantes.”



O historiador José Antônio Gonçalves de Melo é o único participante vivo do 1º CAB

Wagner, um militar e pintor amador, que Nassau trouxe para sua corte. Ele reproduziu em 1668, as danças do terreiro que eu sei presenciarei no século XX. As pinturas do Zacharias Wagner foram publicados num livro denominado *Zacharibilion* (palavra latina, que tem a tradução para o Português, na capa do livro, de *Animais do Brasil*), que é um álbum cheio de ilustrações não só sobre animais e costumes dos negros no Brasil, mas sobre toda a ecologia de nossa terra.

DP — O senhor não acha que esses costumes afro-brasileiros estão sendo resgatados hoje em dia pela música e dança, através do Maracatu Nação Pernambuco, por exemplo?

JA — Tudo está deformado. Não se percebe que o maracatu é

um nome que se deu à coroação dos reis negros. As nações africanas que vinham para o Brasil (trigo e feijão eram de Angola. Os engenhos de Pernambuco preferiam este tipo de negro, baixinho, de peçoço curto, para o trabalho rural. Então, o maracatu, como eu estava falando, era a festa de coroação dos Reis do Congo, de Angola. O governador da província confirmava, nomeando-os. Isto era o maracatu, realizado na Irmandade de Nossa Senhora dos Pretos, na Igreja do Rosário, que fica na rua Estreita do Rosário, que dá para o DIÁRIO DE PERNAMBUCO.

DP — Esta festa de coroação, de irmandade de negros, não está sendo resgatada pela TV, através da novela da Globo, Fera Fera, em que há personagens de irmandade, que coroa a rainha. Isto não é importante?

JA — É. Tudo mudou. Tudo renova. Mas eu não vejo TV, ouço rádio. Não sei. É a imprensa que está fazendo isso. Mas, só porque um galcho brasileiro, em uma festa de Nossa Senhora dos Pretos, com o nome de esta irmandade, porque se chama irmandade, por conta de um erro da fruta coincidir no momento do da comemoração da santa, ela passou a ser chamada pela imprensa de Irmandade de Nossa Senhora dos Pretos. Tudo está muito deformado.

UFPE ganha Prêmio

DIÁRIO NO FUTURO

## Percussão afro-popular

Começa hoje e vai até o dia 20 de abril a Oficina de Percussão Afro-Popular, que o compositor, instrumentista e dançarino Bereguedê ministra no Utópicos Movimento & Arte, às segundas, quartas e sextas, das 19h às 21h. Maiores informações pelo fone: 221-0643.



## O misticismo dos afoxés em Olinda

Os grupos de difusão da cultura afro-brasileira ganham um espaço muito importante: o Clube Atlântico Olindense, que estará à disposição deles, todos os sábados, para promoções, reuniões e, sobretudo, festas à noite. A primeira delas, sábado passado, atraiu não somente a comunidade negra, mas também alguns convidados, como o prefeito Germano Coelho, responsável por essa decisão, e por isto mesmo homenageado com um troféu criado pelo artista plástico Corbiniano Lins, como "símbolo da cultura negra". Um grupo de turistas, noruegueses e dinamarqueses, também participou da noite, e o deputado José Siqueira.

O atraso foi exagerado. O início estava marcado para 20h, o prefeito Germano Coelho chegou ao local, viu que nada estava pronto, saiu, e voltou às 21h, mas a festa só começou às 22h35. Alguns grupos atrasaram. Esse detalhe pode ser relevado pois, afinal de contas, era a primeira vez que o Instituto de Cultura Afro-brasileira, Intecab, realizava uma festa, e por mais que a coordenadora Bernadete Lopes e equipe se esforçassem, alguns atropelos foram inevitáveis, ocasionando a demora.

Mas, valeu a pena esperar tanto. A cerimônia de oferenda aos exus, realizada pelos participantes dos afoxés Alafin Oyó, Ilê de Egbá e Povo de Odé, com rituais impressionantes, ao som dos atabaques e entoando pontos aos exus, e depois a todos os orixás, é cheia de magia e misticismo, com velas, farofa e cachaca. Dito de Oxossi, do Ilê de Egbá, e Pessoa — do Alafin Oyó, deram um show de cantoria, o primeiro deles, inclusive, falando e cantando em yorubá. E, para esquentar ainda mais a noite, Gigante do Samba fez um show — o mesmo que acabara de apresentar no Sofitel Quatro Rodas — de altíssimo nível, com mulatas sensualíssimas e brincalhonas, belos destaques, um grupo de baianas e a bateria nota 10. O "I Encontro de Afoxés" rolou até a madrugada de ontem. Uma festa que tem tudo para pegar. E todos os sábados, no Atlântico Olindense, haverá noites iguais ou melhores, inclusive sem atrasos, garantem os organizadores. (Valdi Coutinho)



O Alafin Oyó, com todo o mistério e magia dos seus ritmos

RIS 222.0972 / 231.0531 DIÁRIO DE PERNAMBUCO

## O negro volta a ser tema de congresso

O negro é o construtor de nossa sociedade, sem o devido reconhecimento. A partir desta constatação o superintendente do Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco, economista Clóvis Cavalcanti, considera de fundamental importância a realização do 4º Congresso Afro-Brasileiro (4º CAB) no Recife, promoção da Fundaj, UFPE, Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira e outras entidades.

Pioneiro no estudo do setor informal da economia no Nordeste Clóvis Cavalcanti diz que a importância desse congresso repousa em dois pontos principais: primeiro porque tem a ver com a questão do negro em sociedade, da qual é o construtor e, depois porque é fundamental na história da Fundação Joaquim Nabuco a compreensão dos problemas sócio-econômicos e político-culturais ligados ao negro. "Afinal, o 1º CAB foi uma iniciativa do criador da Fundaj Gilberto Freyre", frisa.

**DIÁRIO DE PERNAMBUCO — O Congresso Afro-Brasileiro está sendo realizado pela 3ª vez no Recife. Qual a sua opinião a respeito?**

Clóvis Cavalcanti — Isto demonstra que estamos muito atentos para temas do maior relevo da sociedade brasileira. O Recife sempre foi pólo irradiador de cultura. Aqui desenvolveu-se em grande medida a campanha abolicionista, portanto, não é à toa que sejam realizados quatro congressos afros em nossa Capital.

**DP — E quanto às pesquisas realizadas no seu Instituto?**

CC — Como superintendente de um Instituto de Pesquisas Sociais, sempre sou favorável a realização de um trabalho intenso sobre essa temática. Assim vejo com maior interesse qualquer atividade relacionada à questão e afirmo que temos muito o que fazer.

**DP — O que podemos esperar desse Congresso?**

CC — Minha expectativa é que o 4º CAB seja bem-sucedido. Não nos move qualquer intuito triunfalista, mas queremos promover um evento marcante rico de propostas. Há um esforço sério, coordenado por Fátima Quintas e sua equipe (Tânia Lima e Cláudia Braga) para que tudo dê certo. Aceitamos um desafio que tem o apoio não apenas da direção mas de diversos segmentos da Fundaj. Afinal a promoção é sua, da UFPE, do Centro Cultural Brasil-Espanha, de fundações como a MacArthur e Ford, da Facepe e Movimentos Negros como o Djumbay e do Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira. Vemos tudo isso, repito, como um desafio porque queremos prestar nossa parcela de contribuição para o tratamento das questões relacionadas ao negro.



Clóvis Cavalcanti: não se reconhece o valor do negro como construtor de nossa sociedade

### UFRPE tem novo curso em Garanhuns

Será realizado de maio a agosto, na Clínica de Bovinos de Garanhuns, campus avançado da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), o curso de especialização "Problemas Clínicos-cirúrgicos de Grandes Animais".

O curso, uma promoção da Pró-reitoria dos Campus Avançados, Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação e Departamento de Medicina Veterinária, terá três módulos (equinos, bovinos e